



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

SAMILY DE SOUSA CAVALCANTE

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NO ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

CAPANEMA-PA

2025

SAMILY DE SOUSA CAVALCANTE

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientador(a): Dra. Carolline Septimio Limeira

Coorientador(a): Dra. Leticia Carneiro da Conceição.

CAPANEMA-PA

2025

SAMILY DE SOUSA CAVALCANTE

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de Licenciatura
Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dra. Carolline Septimio Limeira
Coorientador(a): Dra. Leticia Carneiro da
Conceição.

Data de aprovação: __/__/__

Conceito:

Banca Examinadora

Professora Dra. Carolline Septimio Limeira – Orientadora\UFPA

Assinatura _____

Professora Leticia Carneiro - Coorientadora/

Assinatura _____

Professora Dra. Ana Paula Vieira e Souza – Examinador Interno\UFPA

Assinatura _____

Professora Prof. Me. Antônio Matheus do Rosário Corrêa – Examinador
Interno\UFPA

Assinatura _____

Dedico este trabalho a todos que sonham com uma educação que respeite as diferenças e valorize cada indivíduo, em especial às famílias que me inspiraram com sua perseverança, e aos profissionais da educação que, com dedicação diária, mostram que a inclusão é um caminho possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me sustentado até aqui e por me conceder uma família que, desde o dia da minha aprovação, torce pelo meu sucesso. Reconheço que inúmeras pessoas foram fundamentais na minha chegada à universidade, e sempre serei grata aos meus professores, que marcaram minha vida de forma significativa, inspirando-me a continuar meus estudos.

Sou especialmente grata à minha mãe, Maria Sueli de Sousa, que nunca permitiu que qualquer obstáculo me desanimasse. Nunca poderei agradecer o suficiente por todos os sacrifícios que fez para me criar, minha mãe continua sendo, exemplo de coragem, honestidade e persistência assim como meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado, ajudando-me nos estudos.

Agradeço à minha avó, Raimunda Rodrigues de Sousa, meu maior exemplo de fé e persistência. Nunca vou me esquecer da senhora me levando à escola e me consolando no dia em que meu pai faleceu. Naquele momento, a senhora me disse que eu teria apenas minha mãe, mas, desde então, foi como uma mãe para mim. Recordo, com carinho, que em plena pandemia da Covid-19, foi a primeira a me apoiar na escolha pela Pedagogia.

Agradeço imensamente à Prof^a Dra. Caroline Septimio Limeira, pela paciência, dedicação e orientação neste trabalho, bem como por me apresentar à Prof^a Dra. Leticia Carneiro da Conceição, que, como coorientadora, contribuiu de maneira significativa para o enriquecimento deste TCC.

Aos amigos que fiz na UFPA, que compartilharam a jornada acadêmica e enriqueceram meu conhecimento, deixo também minha gratidão. Em especial às queridíssimas Leilyanne e Brena, que nunca me abandonaram em nenhum trabalho e cujas vidas foram fonte de inspiração para mim.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com a professora responsável pelo AEE em uma escola pública municipal. Foram investigadas as práticas adotadas pela docente, os recursos pedagógicos utilizados, no planejamento das atividades considerando as individualidades dos alunos, o uso de tecnologias assistivas e os desafios enfrentados no atendimento. Os resultados indicam que a professora adapta as atividades conforme os interesses e necessidades dos alunos, utiliza jogos e aplicativos educativos, além de manter contato constante com os professores da sala regular para garantir a inclusão. Este estudo busca responder de que maneira as práticas pedagógicas da professora, no uso dos recursos do AEE, promovem condições de acesso, participação e aprendizagem para crianças com TEA no ambiente escolar, bem como identificar obstáculos que dificultam a inclusão. Durante a entrevista, destacou-se a necessidade de maior parceria com as famílias e ampliação dos recursos disponíveis. Conclui-se que o AEE exerce papel significativo no desenvolvimento e inclusão das crianças com TEA, estimulando suas habilidades cognitivas e sociais. Espera-se que este estudo contribua para a reflexão sobre práticas inclusivas e para o fortalecimento de estratégias pedagógicas mais eficazes no atendimento educacional especializado

Palavras-chave: práticas pedagógicas; atendimento educacional especializado; transtorno do espectro autista; inclusão escolar.

ABSTRACT

This work aims to analyze the pedagogical practices used in Specialized Educational Assistance (AEE) for children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research, with a qualitative approach, was conducted through a semi-structured interview with the teacher responsible for the AEE in a municipal public school. The practices adopted by the teacher, the pedagogical resources employed, the planning of activities considering the individualities of the students, the use of assistive technologies, and the challenges faced in the assistance were investigated. The results indicate that the teacher adapts activities according to the interests and needs of the students, uses games and educational applications, and maintains constant contact with the teachers of the regular classroom to ensure inclusion. This study seeks to answer how the teacher's pedagogical practices, using the resources of the AEE (Specialized Educational Service), promote conditions for access, participation, and learning for children with ASD (Autism Spectrum Disorder) in the school environment, as well as identify obstacles that hinder inclusion. During the interview, the need for greater partnership with families and the expansion of available resources was emphasized. It is concluded that the AEE plays a fundamental role in the development and inclusion of children with ASD, stimulating their cognitive and social skills. It is expected that this study will contribute to reflecting on inclusive practices and to strengthening more effective pedagogical strategies in specialized educational assistance.

Keywords: pedagogical practices; specialized educational service; autism spectrum disorder; school inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Sempre gostei muito de pesquisar os significados das palavras, e a primeira vez que escutei a palavra "autista" foi no trabalho da minha mãe, quando eu tinha por volta de 12 anos. A princípio, não entendi o significado, nem depois de pesquisar no dicionário. Ela tentou me explicar e disse que havia três “níveis” de autismo. Fiquei ainda mais confusa, pois, quando criança, a única coisa que eu conhecia que tinha nível era o videogame.

Seis anos depois, já na universidade, quando finalmente consegui um estágio como cuidadora, descobri que a criança que eu teria de acompanhar era autista nível 2 de suporte. Fiquei muito animada, porque, agora, finalmente ia entender. No primeiro dia de estágio, quando cheguei à escola, a criança não estava, mas a diretora me disse que ele estudava no

primeiro ano e me passou algumas outras informações. Depois, me apresentou à professora da sala, que contou que ele gostava de desenhar e de ficar na sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Só no terceiro dia de aula, quando já estava na sala, vi uma criança passar correndo pela porta e entrar no AEE. A professora me apresentou a criança que eu iria cuidar. Fui para a sala buscá-lo e, quando entrei, ele estava sentado desenhando. Cumprimentei-o e à professora da sala e perguntei se ele sempre fazia isso. Ela disse que ele sempre entrava lá antes de ir para a sala, que era não verbal e que se comunicava por meio de desenhos ou apontando para as coisas.

Nessa hora, fiquei muito preocupada. Eu ainda não compreendia o que era autismo, mas iria descobrir justamente com uma criança que não falava. Foi uma experiência incrivelmente desafiadora e gratificante, que nunca irei esquecer. Durante esses dois anos trabalhando como cuidadora/estagiária, conheci outras crianças com autismo que tinham comportamentos parecidos com os do aluno que eu cuidava, mas, ao mesmo tempo, eram diferentes. No entanto, todos tinham um brilho diferente no olhar quando entravam na sala do AEE. Pareciam “transportados” para um mundo mágico.

Em uma das conversas com a professora do AEE, ela disse algo que me marcou muito: vou fazer uma atividade que tenha dinossauros, porque aquele aluno gosta de dinossauros. Então, por que trazer uma atividade que não tem a ver com aquele aluno e que ele não gosta de fazer? Minha maior aprendizagem é que, antes de tudo, é preciso conhecer o aluno, quais são suas particularidades e habilidades já desenvolvidas, para então ver quais práticas pedagógicas são mais eficazes para ele.

Por isso, não poderia escolher outro tema para o meu TCC além da análise das práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

"O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades." (APA, 2013). Definir o que é autismo é um processo muito complexo, já que, com o convívio que tive, alguns indivíduos apresentam mais ou menos algumas dessas características. Além disso, não faz sentido pensar que todos podem aprender da mesma forma, reforçando a importância de diferentes práticas pedagógicas.

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um direito garantido pela Lei 12.764/2012, que estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa legislação assegura o acesso a escolas

regulares e a recursos pedagógicos adequados, reforçando a necessidade de práticas educacionais que respeitem as singularidades dos alunos autistas.

Nesse contexto, torna-se essencial analisar os recursos pedagógicos utilizados no Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma vez que eles desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem desses estudantes, por ser um lugar onde, cotidianamente, se evidencia a importância de pesquisar ou até mesmo inventar, quando necessário, recursos pedagógicos adaptados para potencializar o aprendizado e a inclusão dessas crianças no ambiente escolar.

O encaminhamento metodológico será realizado por meio da observação participante e da entrevista semiestruturada em uma escola pública municipal, para investigadas as práticas adotadas pela docente, os recursos pedagógicos utilizados no planejamento das atividades, considerando as individualidades dos alunos, o uso de tecnologias assistivas e os desafios enfrentados no atendimento.

Os dados serão organizados com base na análise de conteúdo, buscando agrupá-los em categorias e identificar as possíveis contribuições das práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado para a inclusão e o desenvolvimento das habilidades das crianças com TEA. A metodologia inclui a observação das interações e da participação dos alunos nas atividades propostas pela professora do AEE.

Este estudo preocupa-se em responder a uma pergunta central: quais são as práticas pedagógicas da professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que despertam o interesse dos alunos e de que forma elas promovem condições de acesso, participação e aprendizagem para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar as práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), discutindo seus efeitos na inclusão escolar e as implicações para a valorização e formação docente.

Objetivos Específicos

- Identificar os recursos pedagógicos e estratégias didáticas empregados no AEE para estudantes com TEA.

- Analisar as interações e os desafios vivenciados pela professora e pelos estudantes com TEA no uso desses recursos.
- Refletir sobre as contribuições do AEE para o fortalecimento da inclusão escolar e da formação docente.

2 BASE TEÓRICA

O município de Capanema, no Pará, tem avançado significativamente na promoção da inclusão e no reconhecimento dos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com o objetivo de ampliar a conscientização e garantir uma melhor qualidade de vida para essa população, algumas leis foram criadas para fortalecer a acessibilidade e os serviços voltados às pessoas com TEA.

Uma das iniciativas mais relevantes é a Lei Municipal nº 6.412/2018, sancionada em 20 de dezembro de 2018, que institui o "Dia Municipal de Conscientização do Autismo". Essa data tem como propósito sensibilizar a sociedade sobre a importância da inclusão, do respeito e da compreensão das necessidades das pessoas autistas. A lei prevê a realização de eventos educativos, palestras e campanhas de conscientização, buscando envolver a população, as instituições de ensino e os profissionais da saúde e da assistência social.

Além disso, a Lei Municipal nº 6.524/2023 representou um grande avanço para a acessibilidade sensorial dos autistas na cidade. Ela determina a substituição dos sinais sonoros nas instituições de ensino públicas e privadas, bem como a criação do "Horário do Silêncio" nos estabelecimentos comerciais. Essa medida visa reduzir estímulos sonoros que podem causar desconforto ou crises em pessoas com hipersensibilidade sensorial, colaborando para garantir um ambiente mais acolhedor e acessível.

Outro marco importante para a comunidade autista de Capanema foi a criação do Núcleo de Atendimento ao Transtorno do Espectro Autista (NATEA) dos Caetés, localizado na Policlínica da Região do Caeté. Esse centro especializado oferece suporte multidisciplinar para crianças, adolescentes e adultos com TEA, disponibilizando serviços como Terapia ABA, Psicologia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Além disso, promove programas de treinamento para cuidadores e familiares, orientando-os a lidar melhor com as necessidades específicas dos autistas no dia a dia.

No contexto estadual, as iniciativas de Capanema estão alinhadas com a implementação da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA),

regulamentada pela Lei Federal nº 13.977/2020 (conhecida como "Lei Romeo Mion"). Essa carteira garante às pessoas com TEA prioridade no atendimento em serviços públicos e privados, além de facilitar a identificação e o acesso a políticas públicas voltadas à inclusão. A criação dessas legislações e instituições demonstra o compromisso do município de Capanema com a construção de uma sociedade mais inclusiva e acessível, contribuindo significativamente para a autonomia e o respeito, favorecendo a ampliação da sua qualidade de vida.

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no sistema educacional brasileiro ganhou destaque nas últimas décadas, posteriormente com a promulgação da Lei nº 12.764/2012, que reconhece o autismo como uma condição que requer atenção e recursos específicos. Esta base teórica busca fundamentar a análise dos recursos pedagógicos utilizados no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O conceito de inclusão escolar, proposto por Mantoan (2003), implica não apenas na presença do aluno na sala de aula, mas também na participação e no aprendizado efetivo, aspecto de extrema importância para crianças com TEA, que frequentemente apresentam desafios de comunicação social.

Oliveira (2016) destaca que as práticas pedagógicas devem ser flexíveis e personalizadas, considerando as particularidades de cada aluno. Essa abordagem inclusiva é essencial, uma vez que as crianças com TEA apresentam uma ampla gama de habilidades e desafios, que variam de acordo com a gravidade do transtorno. A personalização do ensino permite que os educadores utilizem diferentes recursos, como materiais visuais, jogos interativos e tecnologias assistivas, que, aliados a uma prática adaptada, favorecem a comunicação e a interação social.

Ainda de acordo com Lacerda (2023, p. 45), “as práticas pedagógicas baseadas em evidências possibilitam uma inclusão mais efetiva no AEE”. A contribuição do autor evidencia a necessidade de construir, com intencionalidade e sólido arcabouço teórico, uma metodologia de estudo equitativa, capaz de propiciar a inclusão.

Complementando essa discussão, Gaiato (2012; 2018; 2023) apresenta contribuições práticas no campo do autismo, valorizando estratégias pedagógicas lúdicas, empáticas e acessíveis, com forte ênfase no uso de tecnologias assistivas e de recursos aplicáveis à rotina escolar. Segundo a autora, “a escola inclusiva precisa oferecer experiências significativas, que respeitem as singularidades e estimulem o potencial de cada criança” (GAIATO, 2023, p. 89).

3 MÉTODO DE ABORDAGEM DA PESQUISA

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois busca compreender e analisar as práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para promover o acesso, a participação e a aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa preocupa-se com o significado que as pessoas atribuem às experiências e processos sociais, sendo adequada para a investigação das práticas educativas.

A metodologia utilizada baseia-se na observação participante e na entrevista semiestruturada com uma professora do AEE. A observação participante é um método que permite ao pesquisador imergir no ambiente investigado, compreendendo dinâmicas e interações sociais que ocorrem no contexto escolar. Essa técnica possibilita a coleta de informações sobre a interação das crianças com os recursos pedagógicos utilizados, bem como sua resposta a essas ferramentas.

A entrevista semiestruturada, permitirá obter informações detalhadas sobre as práticas pedagógicas adotadas pela professora do AEE, suas percepções sobre a eficácia dos recursos pedagógicos utilizados e os desafios enfrentados no atendimento às crianças com TEA. De acordo com Triviños (1987), esse tipo de entrevista permite flexibilidade nas perguntas, permitindo que o entrevistado expresse suas experiências de maneira mais espontânea e aprofundada.

Os dados coletados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Esse método consiste na organização e categorização dos dados obtidos, possibilitando identificar padrões, relações e tendências nas práticas pedagógicas adotadas no AEE. A análise será feita com base nos objetivos da pesquisa, tais como tipos de recursos pedagógicos utilizados, interação das crianças com esses recursos e impactos percebidos na aprendizagem e inclusão.

A pesquisa foi conduzida em uma escola Municipal em Capanema-PA, que oferece o Atendimento Educacional Especializado. Para garantir a ética da pesquisa, será realizada a entrevista com o consentimento da professora entrevistada e observação de sua prática. Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, sendo utilizados pseudônimos quando necessário, garantindo a confidencialidade das informações coletadas.

3.1 TIPO DE PESQUISA

O estudo é de caráter qualitativo e explicativo, pois tenta compreender como esses recursos impactam as crianças autistas. Como Gil (2008) aponta, pesquisas explicativas ajudam a entender os fatores que influenciam um fenômeno, e aqui o foco é o efeito dos recursos pedagógicos na educação especial. A abordagem qualitativa permite analisar as interações e práticas pedagógicas dentro do contexto escolar, sem a intenção de quantificar resultados. O trabalho trata-se um estudo de caso, pois investiga uma escola específica em Capanema-PA que possui AEE. Segundo Yin (2001), essa estratégia é ideal para entender um fenômeno dentro do seu ambiente real.

A coleta de dados será feita por:

- Observação participante: O pesquisador acompanhará as atividades na sala do AEE, observando como os recursos são utilizados e como as crianças interagem com eles.
- Entrevista semiestruturada: Será feita uma conversa com a professora do AEE para entender suas práticas, dificuldades e percepções sobre o impacto dos recursos pedagógicos.

População e Amostra: A pesquisa foi ~~será~~ realizada em uma escola de Capanema-PA que oferece AEE. A escolha foi intencional, considerando que apresenta sala de Atendimento Educacional Especializado.

- Escola: Apenas uma escola foi analisada, por sua experiência no atendimento especializado.
- Professora: Apenas uma docente será entrevistada, pois é a responsável pela aplicação dos recursos pedagógicos.
- Crianças: Serão observadas três crianças com TEA, com diferentes níveis do transtorno (1, 2 e 3), para entender como cada uma responde aos recursos utilizados.

3.2 QUANTO À COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada à professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola pública da rede municipal. A entrevista teve duração média de 30 minutos e foi anteriormente agendada, respeitando a disponibilidade da docente.

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista elaborado com base nos objetivos da pesquisa, composto por 12 perguntas abertas, que abordaram questões relacionadas às práticas pedagógicas, recursos utilizados, planejamento de atividades, uso de tecnologias assistivas, interação com a sala regular e desafios enfrentados no atendimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A entrevista foi gravada (com o consentimento da participante) e posteriormente transcrita na íntegra, conforme consta no Anexo deste trabalho.

A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo, o que permitiu identificar categorias relacionadas aos objetivos da pesquisa e ao referencial teórico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados coletados foi realizada com base na metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), que orienta o pesquisador a seguir três etapas fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Essa técnica permitiu organizar e compreender as informações obtidas por meio da entrevista semiestruturada e da observação participante, de modo a relacionar as evidências empíricas aos objetivos da pesquisa.

A partir da leitura dos registros e das falas da professora do AEE, foi possível identificar aspectos recorrentes que contribuíram para a construção de categorias analíticas relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas. Os resultados revelaram que o planejamento das atividades é construído de forma individualizada, respeitando o ritmo, os interesses e o nível de suporte de cada aluno. A professora demonstrou sensibilidade ao afirmar que “é por isso que é espectro, porque eles são diferentes, são únicos” (professora entrevistada, 2025), evidenciando o reconhecimento das particularidades de cada criança com TEA.

Durante as observações, verificou-se que as atividades eram constantemente adaptadas conforme as preferências dos alunos, utilizando materiais como dinossauros, tintas, letras móveis e jogos de formação de palavras. Essas ações confirmam a aplicação prática de uma

metodologia centrada no aluno, conforme defende Oliveira (2016), ao destacar que práticas inclusivas devem ser flexíveis e atentas às necessidades de cada aprendiz.

Essa personalização do ensino, associada à observação contínua do comportamento e das respostas dos alunos, reflete a intencionalidade pedagógica da docente, um aspecto essencial da inclusão escolar. Mantoan (2003) argumenta que a inclusão não se resume à presença física do estudante com deficiência, mas deve garantir sua participação e aprendizagem efetiva. Nesse sentido, as práticas observadas no AEE revelam uma atuação docente comprometida em proporcionar experiências educativas significativas e contextualizadas.

Outro ponto relevante identificado refere-se à diversidade de recursos pedagógicos e tecnológicos utilizados no Atendimento Educacional Especializado. A professora relatou o uso de materiais concretos, como o ábaco, a torre inteligente, jogos de sílabas e quebra-cabeças, além de recursos lúdicos, como músicas, brincadeiras e histórias ilustradas. Também faz uso de tecnologias assistivas de baixa e alta complexidade, como os aplicativos *Ler e Contar*, *Lelé Sílaba* e *Jigsaw*, que auxiliam na atenção e na memorização. Essa variedade demonstra a preocupação da docente em adaptar o ensino e promover o envolvimento dos alunos, favorecendo a aprendizagem por meio da ludicidade e da experimentação.

Conforme Lacerda (2023), o uso diversificado de recursos e práticas baseadas em evidências contribui para uma inclusão mais efetiva, pois respeita as singularidades de cada estudante. A professora ressaltou que “eles aprendem mais quando estão brincando, por isso uso jogos e músicas para ensinar” (professora entrevistada, 2025), reafirmando o papel do lúdico como mediador da aprendizagem. Esse princípio é defendido também por Gaiato (2023), ao afirmar que o envolvimento afetivo e o prazer durante as atividades são determinantes para o engajamento e o desenvolvimento das crianças com autismo.

Durante as observações, notou-se que os alunos demonstravam maior atenção e entusiasmo quando as atividades envolviam elementos visuais e interativos, como vídeos educativos e jogos digitais, o que reforça a importância das tecnologias assistivas para ampliar as formas de comunicação e promover autonomia.

Na observação, foi possível acompanhar a rotina da professora no atendimento dos seus alunos, que posteriormente foi complementada por uma entrevista. Essa investigação evidenciou que a prática pedagógica da docente é construída de forma altamente individualizada, planejada de acordo com os interesses e preferências de cada aluno. Esse cuidado dialoga com Mantoan (2003), que defende que a inclusão escolar deve ir além da presença física do estudante em sala de aula, garantindo participação efetiva e aprendizado

significativo. Na prática observada, isso se materializa quando a professora adapta os recursos conforme o interesse de cada criança, assegurando oportunidades reais de aprendizagem. Como destacou: “eu vou imprimir também uma atividade dos sons dos dinossauros porque é o que ele mais gosta” (professora entrevistada, 2025).

Essa personalização do ensino também está em consonância com Oliveira (2016), que aponta que práticas pedagógicas inclusivas devem ser flexíveis e ajustadas às particularidades de cada aluno. O uso de recursos variados, como jogos, materiais visuais, atividades artísticas e tecnologias assistivas, demonstra a importância de uma abordagem plural, capaz de atender à diversidade de habilidades e desafios apresentados pelos alunos com TEA.

A docente reforçou esse ponto ao explicar que seleciona os recursos a partir da observação contínua e das reações dos estudantes, evidenciando a aplicação prática da teoria de Lacerda (2023), segundo a qual a eficácia da inclusão depende de práticas pedagógicas baseadas em evidências e estruturadas com intencionalidade. A avaliação contínua, o reforço positivo e a adaptação de atividades demonstram um compromisso da professora com uma metodologia equitativa e fundamentada.

Outro aspecto relevante refere-se ao uso de tecnologias assistivas, tanto de baixa quanto de alta complexidade, incluindo aplicativos educacionais e jogos adaptados, alinhando-se às contribuições de Gaiato (2012; 2018; 2023), que enfatiza estratégias lúdicas, afetivas e acessíveis como meios para ampliar a comunicação, a interação e a autonomia dos alunos com TEA. A docente destacou: “eles aprendem mais quando estão brincando, por isso uso jogos e músicas para ensinar” (professora entrevistada, 2025). Nesse relato, percebe-se a valorização do lúdico como elemento motivador, em consonância com Gaiato (2023), que aponta o engajamento afetivo como fator central para o processo de aprendizagem.

Os desafios observados, como as dificuldades de interação social e a necessidade de maior envolvimento das famílias na participação dos seus filhos nos atendimentos, reforçam que a inclusão extrapola os limites da escola. Essa perspectiva dialoga novamente com Mantoan (2003), que entende a inclusão como um processo coletivo, construído por meio do diálogo entre professores, famílias e comunidade escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas utilizadas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltadas para crianças com Transtorno do

Espectro Autista (TEA), buscando compreender de que maneira os recursos pedagógicos e as estratégias docentes contribuem para promover o acesso, a participação e a aprendizagem desses alunos.

Por meio da observação das práticas da professora do AEE e da entrevista semiestruturada, foi possível perceber que o atendimento é pautado na individualização do ensino, respeitando o ritmo, os interesses e as especificidades de cada criança. As ações desenvolvidas pela docente demonstram intencionalidade pedagógica e compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva, em que o aluno com TEA é reconhecido em suas potencialidades, e não apenas por suas limitações.

Os resultados evidenciaram que a utilização de recursos diversificados como: jogos, músicas, atividades artísticas, materiais visuais e tecnologias assistivas potencializam o envolvimento das crianças, favorecendo a comunicação, a socialização e o desenvolvimento cognitivo. O aspecto lúdico mostrou-se essencial nas práticas observadas, funcionando como um meio de aprendizado prazeroso e significativo, em consonância com autores como Gaiato (2023) e Mantoan (2003), que defendem o papel do afeto e da interação no processo de inclusão escolar.

Observou-se também que o sucesso das práticas inclusivas depende da formação docente contínua e do trabalho colaborativo entre professores, famílias e comunidade escolar. A participação das famílias ainda representa um desafio importante, sendo necessário fortalecer esse vínculo para que o processo de inclusão ultrapasse os limites do ambiente escolar e alcance também o contexto familiar e social da criança.

Conclui-se que o Atendimento Educacional Especializado, quando desenvolvido com planejamento intencional e com base em práticas pedagógicas consistentes, constitui um espaço de aprendizagem fundamental para o desenvolvimento integral de crianças com TEA. As ações da professora observada revelam que a inclusão é possível quando há empatia, conhecimento e sensibilidade para adaptar o ensino às singularidades de cada aluno.

Como limitação desta pesquisa, reconhece-se que o estudo foi realizado em apenas uma escola municipal e com uma única docente, o que restringe a generalização dos resultados. No entanto, os achados aqui apresentados contribuem para o debate sobre as práticas pedagógicas inclusivas no AEE e podem servir de referência para novas investigações na área.

Sugere-se que pesquisas futuras ampliem o número de participantes e contextos escolares, a fim de compreender de forma mais abrangente como o AEE tem contribuído para o processo de inclusão de estudantes com TEA. Espera-se, ainda, que este trabalho incentive reflexões e novas práticas comprometidas com uma educação inclusiva, humana e

transformadora, que valorize cada aluno em sua individualidade e promova, de fato, o direito de todos à aprendizagem e à convivência escolar.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERSCH, Rita. **Tecnologia assistiva: recursos e estratégias para a inclusão de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 dez. 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

GAIATO, Mayra. **S.O.S Autismo**. São Paulo: nVersos, 2018.

GAIATO, Mayra. **Transtorno do Espectro Autista: guia para a família**. São Paulo: nVersos, 2022.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Educação inclusiva: desafios e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Educação inclusiva: políticas, práticas pedagógicas e formação de professores.** Belém: EDUFPA, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A – Entrevista com a professora do AEE

Duração aproximada: 30 minutos

1. Há quanto tempo você trabalha com o Atendimento Educacional Especializado (AEE)?

Desde 2017.

2. Você recebeu alguma formação específica para atuar com crianças com TEA? Se sim, qual?

Sim. Psicopedagogia Institucional com ênfase em Educação Especial. Eu fiz também uma especialização em Neurociência da Aprendizagem, um curso de Atendimento Educacional Especializado e um curso em ABA.

3. Quantos alunos são atendidos no AEE atualmente? E quantos desses alunos são autistas?

São 21 alunos. Desses, 14 são autistas, e alguns têm comorbidades como TDAH, deficiência intelectual...

4. Você utiliza diferentes recursos pedagógicos nos atendimentos? Quais são os mais eficazes para crianças com TEA?

Bom, primeiro temos que observar o aluno e ver qual o recurso que mais ele gosta. Esse é o que usamos para adaptar as atividades. Por exemplo, alguns gostam do ábaco, outros não; alguns gostam da torre inteligente, outros já vão gostar de dinossauros. Então, o recurso não é exclusivo e observo qual recurso o aluno mais gosta para trabalhar com ele.

5. Como você planeja as atividades para cada aluno? Leva em consideração suas individualidades?

Sim, é preciso. E é por isso que é espectro, porque eles são diferentes, são únicos. Como eu falei antes, eles não vão gostar das mesmas coisas. Por exemplo, eu tenho o Tiago e o João, que gostam de dinossauros. Já o Samuel não gosta de dinossauro, ele gosta de trabalhar com tintas. Então, eu aproveito e faço as letras e os números, e a gente pinta, porque ele ama tintas, se sente bem e gosta de misturar para criar outras cores.

6. Você percebe alguma diferença na eficácia de determinados recursos dependendo do nível de suporte do autista (nível 1, 2 ou 3)?

Sim, tem diferença. Tem jogo que um aluno gosta muito, a gente vê que o aluno chega e logo procura. Aí a gente pega aquele jogo e acaba inserindo no nosso plano que fazemos para cada um. Eu percebo que isso causa uma diferença. Por exemplo, eu tenho um aluno que gosta de um quebra-cabeça de formação de palavras. Porque ele gosta muito, ele coloca invertido para formar uma palavra desconhecida. Ele gosta muito de fazer isso. Então, a gente observa que tem uma certa eficácia.

7. Você utiliza metodologias baseadas em tecnologias assistivas, como aplicativos, jogos educativos ou comunicação alternativa?

Também, depende da criança. Tem crianças que a gente utiliza a tecnologia assistivas, que são jogos adaptados. Tem a tecnologia assistivas avançada, que já são aplicativos. A gente utiliza no aplicativo ou no tablete. Por exemplo, um aplicativo que eu uso muito é o *Ler e Contar*, que tem atividades para vários níveis, tanto de matemática quanto de linguagem e arte. Tem também o *Lelé Sílabas*, que tem vários níveis de leitura. Também uso o *Jigsaw*, que é de quebra-cabeças variados. Inclusive, a gente pode tirar uma foto da criança, o que é muito interessante, e eles gostam. Sendo que tem uns que não gostam, mas a maioria gosta.

8. Como você avalia o progresso dos estudantes nas atividades realizadas?

Não fazemos prova, até porque geralmente eles já fazem a prova na sala regular. Mas a gente os incentiva, elogia, coloca uma figurinha no trabalho e, na medida em que eu percebo que eles estão avançando, vamos inserindo novos desafios.

9. Como ocorre a interação entre o Atendimento Educacional Especializado e a sala de aula regular? Há trocas entre professores para garantir a inclusão do aluno?

Sim, a gente conversa, compartilha material. O professor regular diz com o que ele está trabalhando e o assunto que ele está trabalhando na sala regular. Esse mesmo assunto a gente tenta fazer adaptações nele. Porque a criança autista aprende, mas não necessariamente vai aprender da mesma forma que os outros, sem deficiência. Mas eles podem estudar o mesmo assunto, o que, dependendo do nível da criança, ela vai aprender de um jeito diferente. E por isso temos que estar atentos e dar suporte ao professor regular, tanto indicando material quanto trabalhando os mesmos assuntos no AEE com jogos, tanto físicos como virtuais.

10. Quais são os principais desafios no Atendimento Educacional Especializado de crianças com TEA?

Bom, eu vejo que tem muitas crianças com dificuldade na interação social, que a gente sabe que é uma característica, então acabo focando nesse desafio para tentar fazer com que ela

interaja com os alunos por meio de atividades, por meio da socialização no momento do lanche, na educação física. A gente já fez isso de levar eles para a educação física para eles fazerem os mesmos desafios de arremesso, de lateralidade, com o objetivo de interagirem com os colegas de fato.

11. Como você avalia o impacto do AEE na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças com TEA?

Eu avalio de forma positiva. É muito importante para o desenvolvimento das crianças obterem avanços. Até porque elas têm uma dificuldade de ficar por muito tempo só em um ambiente. Então, é muito importante quando elas vêm para cá, porque tem muitas opções de brinquedos, de jogos. E como, dependendo do nível de cada aluno, a gente só vai atender um ou dois alunos, então a gente dá mais atenção e observa mais as habilidades que eles já têm e vai propor outros desafios para eles desenvolverem outras habilidades tanto de lateralidade, coordenação, porque é muito importante o desenvolvimento motor, para que eles possam estimular o cognitivo também.

12. Na sua opinião, o que ainda precisa ser aprimorado para tornar o AEE mais eficaz na inclusão de crianças com TEA?

A gente precisa de mais jogos, de mais parceria também com as famílias. Tem famílias que ainda não entendem de fato o que é o AEE e pensam que é um reforço escolar e não é isso. O AEE é um serviço que o governo disponibiliza para as famílias que têm crianças não só com TEA, mas com outras deficiências. Então, é um serviço. Até porque tem crianças na escola que não fazem terapia, então é aqui que buscamos ajudar na estimulação cognitiva para que essas crianças venham a aprender na sala regular. Utilizo bastante jogos para que a criança possa usar sua memória executiva e operacional. É muito importante a memória executiva, que, por meio dos jogos, elas vão aprender a planejar e montar estratégias, desenvolver suas próprias metas e estratégias, o que estimula a concentração e o desenvolvimento como um todo.

